

Tudo É Diálogo: Investigações Sobre Comunicação Não-Violenta E O Campo Científico da Comunicação Social na Intercom¹

Luiza Machado TOSCHI²
Marcio Tavares D'Amaral³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo apresenta seis meses de uma metapesquisa, empírica e teórica, de mestrado que se interessa pela relação entre o campo científico bourdieusiano, especificamente o campo científico da comunicação (Miranda, 2005), e a emergência do interesse público pela Comunicação Não-Violenta. Para isso, pretendo evidenciar o estado da arte desta relação e investigar agentes e seus aspectos sociológicos que os fazem contribuir ou não para a produção científica dessa interseção. No recorte dado para este artigo, investigo as publicações dos anais dos últimos dez anos da Intercom (graduação e pós) e, a partir dos documentos encontrados, apresento o início da análise de currículos e conexões entre as pessoas autoras, orientadoras e coordenadoras de Grupos de Pesquisa e Divisão Temática. Por fim, compartilho os possíveis caminhos da pesquisa por vir.

Palavras-chave

Comunicação Não-Violenta; Intercom; Metapesquisa em Comunicação; Sociologia do Campo Acadêmico; Teorias da Comunicação.

Introdução

Este trabalho compõe uma pesquisa mais ampla, ainda em estágios iniciais, que se interessa pela relação entre a produção e difusão de teorias da comunicação e a emergência da filosofia-prática da Comunicação Não-Violenta (CNV) em publicações, currículos e percursos de formação em Comunicação. Para tal, são consideradas as hierarquias internas desse campo científico (Bourdieu, 2013), evidenciadas a partir das informações biográficas e atuação profissional dos pesquisadores. Com o objetivo de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda em Comunicação e Cultura, Mídias e Mediações Culturais do PPGCom Eco/Ufrj, email: ltoschi@ufrj.br.

³ Orientador da pesquisa, Prof. Emérito do PPGCom Eco/Ufrj.

entender se e como a CNV tem sido abordada nos espaços acadêmicos de produção e difusão de conhecimento de Comunicação Social, investigo publicações em revistas acadêmicas e eventos, defesas de teses e dissertações e as relações entre quem pesquisa o tema, orientadores e sua circulação no meio acadêmico.

Para esta apresentação específica, concentro-me na Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, entendendo-a como um espaço privilegiado na discussão dos temas entendidos como relevantes no campo da Comunicação. Para isso, faço um levantamento das publicações apresentadas ao Congresso Nacional (graduação e pós) a partir dos anais dos últimos dez anos (2013-2022). Sendo um dos Congressos de maiores prestígios da área, ele recebe cerca de 3 mil participantes anualmente, reunindo pelo menos uma centena de trabalhos de pesquisadores graduandos, pós-graduandos e professores. Portanto, entendo que encontrar e catalogar essas pesquisas e reconhecer quem contribuiu para que elas tenham sido publicadas me permitirá começar a entender se e como a CNV tem sido considerada relevante para produção e difusão de conhecimento científico neste evento.

A Comunicação Não-Violenta foi sistematizada a partir da investigação de Marshall Rosenberg sobre quais características dialógicas em uma circunstância influenciavam o desejo e capacidade de colaboração entre as pessoas. O psicólogo estadunidense, discípulo de Carl Rogers, observou que, a depender da qualidade da linguagem e da manutenção da conexão individual com uma “natureza compassiva” (Rosenberg, 2006) em uma situação conflitante, as possibilidades de cooperação entre as pessoas e grupos variavam. Foi então que Rosenberg investigou como a linguagem poderia dar forma para uma transformação nas relações consigo, com o outro e com os sistemas.

No principal livro sobre a prática, *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*, Marshall Rosenberg a define como uma abordagem do processo de emitir e receber mensagens que facilitar uma ligação consigo e com as outras pessoas que permite a expressão de um atributo que para ele seria “natural”, a compaixão. Ao nomear essa abordagem, ele faria alusão ao entendimento de Mahatma Gandhi sobre “Não-Violência”, que seria o resultado de um estado compassivo a partir do qual a violência estaria “afastada do coração”. Desta maneira, as emoções e expressões buscariam sempre a conciliação e integração, evitando que a comunicação, ainda que não fosse agressiva, provocasse dor e mágoa para si e para as outras pessoas.

Segundo o *Center for Nonviolent Communication* (2020), a pesquisa de Rosenberg se desenvolveu no contexto da difusão de habilidades dialógicas em espaços educacionais que abandonavam a segregação racial nos anos 60 nos EUA. Hoje, a prática acontece na mediação de conflitos em mais de 60 países, com centros de pesquisa e formação.

No Brasil, ela ficou mais conhecida a partir de 2000 – ano da publicação da primeira edição do livro no país. O crescimento de seu interesse é visível no aumento exponencial nos últimos 10 anos da quantidade de artigos e documentos acadêmicos ou não produzidos em português que versam sobre o assunto. O primeiro documento encontrado que cita o termo *comunicação não-violenta* e suas variantes⁴ data de 1997. Até a publicação do livro em 2000, encontramos um documento por ano; em 2012, encontramos 75 documentos. Nos primeiros 12 anos pós-lançamento da primeira edição do livro de Marshall no Brasil encontramos um total de 320 publicações sobre o assunto em português. O número de documentos publicados em 2021 chega a 604, cerca de dez vezes maior que os publicados em 2013.

Dos quase 2700 documentos encontrados com publicação que data durante a década analisada (2013-2022), apenas 221 também usam o termo *comunicação social*: menos de 10% do total. Transversalmente é possível perceber que os outros documentos se concentram em publicações em áreas como direito, psicologia, pedagogia e saúde. Tal abrangência denota a característica potencial do tema, ao tratar de forma ampla as relações e interações humanas, sociais, políticas e subjetivas.

Com a intenção de compreender a correspondência deste interesse geral no campo científico da Comunicação, essa pesquisa desiste de apontar aprofundamentos teóricos que conectem ou não a Comunicação Não-Violenta às teorias da comunicação e se atém a entender se e como alguém já fez esse esforço. Tendo sido feito, quais as características, metodologias e teorias que embasam sua abordagem; mas, principalmente, quem são as pessoas que escolhem realizá-la e quais seus interesses neste processo. Conhecer suas trajetórias de formação e as posições que ocupam no campo científico, bem como seu engajamento e influência neste mesmo campo, nos ajuda a fazer as conexões causais e sociológicas sobre as posições que ocupam. Esta investigação, portanto, torna-se uma metapesquisa em Comunicação.

⁴ Com o objetivo de aumentar a precisão dos resultados, pesquisamos o termo *comunicação não-violenta* com e sem aspas, com e sem hífen.

Realizamos uma primeira etapa restrita à produção acerca de Comunicação Não-Violenta nos arquivos do Intercom Sudeste por meio dos anais de publicação do congresso regional. Não foram encontrados artigos que fizessem menção ao tema nas publicações dos 10 anos pesquisados. Este nos parece um resultado bastante significativo para a pesquisa como um todo. A importância desta região para o país se dá em diversos temas e não é diferente para o campo acadêmico no geral, abrigando, por exemplo, a primeira universidade do Brasil, que depois se tornaria a UFRJ. Para o campo científico da Comunicação, a centralidade da região sudeste também é evidente: os três primeiros programas de pós-graduação do país estão localizados em São Paulo e no Rio de Janeiro (Marialva, 2020). Tal pioneirismo tem impactos para a qualificação dos cursos, o aporte financeiro recebido para pesquisas científicas e sua consequente influência para o campo acadêmico – pautando os temas a serem abordados, metodologias e interesses. Portanto, se não há evidências de interesse no assunto no espaço de trocas acadêmicas entre estudantes de pós-graduação da região, a tendência é que os resultados para o resto do país sejam mínimos.

Nesta nova etapa, este trabalho se debruça sobre os anais do Congresso Nacional entre 2013 e 2022. Aqui investigamos as publicações dos Grupos de Pesquisa, ou seja, aquelas que reúnem a produção acadêmica da pós-graduação; e os anais do Intercom Júnior, evento específico para graduandos. Foram analisados cerca de mil documentos e encontrados apenas cinco resultados a partir da investigação dos termos da pesquisa.

Investigação nos Grupos de Pesquisa da Intercom

Realizamos a mesma busca de documentos que citem o termo *comunicação não-violenta* e suas variantes no título ou palavras-chave das publicações dos últimos dez anos no âmbito da pós-graduação do Congresso Nacional. No entanto, assim como na fase anterior, de busca no Congresso Regional do Sudeste, não foi encontrado nenhum pesquisador que tenha publicado suas investigações nos anais do evento, que até 2022 tinha a prática de sempre publicar resumos e artigos dos trabalhos apresentados. Entendemos esse como mais um indício da relação entre o assunto e as pesquisas em Comunicação Social. A taxa aproximada de 0,4% de interesse do tema no evento parece-nos simbólica sobre a relação do tema com o campo científico.

A única menção aos termos da pesquisa foi encontrada no resumo de definição do Grupo de Pesquisa 09 – Comunicação, Alteridade e Diversidade. O grupo tem como um dos

objetivos pesquisar os fenômenos da comunicação a partir da perspectiva da alteridade, com foco na diversidade de manifestações, tanto identitárias, como regionais como coletivas. O escopo da pesquisa deste grupo se concentra em, entre outros, na “*alteridade como forma de comunicação*”, listando alguns exemplos “*comunicação colaborativa, comunicação para paz, comunicação não violenta e comunicação para o bem viver*” (GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, s.d.). Ou seja, a “natureza compassiva” pela qual se interessava Marshall Rosenberg ao sistematizar a Comunicação Não-Violenta, com base no entendimento de Não-Violência de Gandhi, aparecem aqui apontados não apenas como tema de interesse do grupo, mas como um aspecto atribuído à dimensão dos processos comunicacionais, com relevância para sua relação com a alteridade. Ou seja, a própria indicação de interesse atribui um poder de reconhecimento e integração da diversidade a partir da Comunicação Não-Violenta. Não encontramos, no entanto, até o presente momento, nenhum registro formal de que o tema tenha sido efetivamente discutido nos encontros deste grupo de pesquisa nos últimos dez anos. Esta parece-nos, portanto, muito mais uma declaração de interesse e afirmação de um entendimento teórico do que uma realidade experienciada neste espaço de discussão. Por isso, entendemos que cabe a investigação curricular da atual coordenação e uma posterior investigação de quando data o conteúdo desta ementa.

Em breve investigação sobre a trajetória e produção acadêmica por meio do currículo Lattes da coordenadora atual do GP, Ingrid Bassi⁵, encontra-se cerca de 30 menções ao termo *comunicação não-violenta*, suas variantes e o termo *não-violência*. A atual professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) oferece frequentemente disciplinas, orienta pesquisas e aponta como linha de pesquisa de seu interesse as interseções entre “Comunicação, Dialogia e Narrativas da Não Violência”. Sua última publicação é deste ano aconteceu na Revista de Estudios Brasileños, classificada pelo Sistema Brasileiro de Avaliação de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Qualis/CAPES como uma revista A4⁶, e aponta caminhos da investigação em Educomunicação e a interface com a Comunicação Não-Violenta. A posterior análise de sua produção e trajetória acadêmica será importante

⁵ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4695160738719008>. Acesso em 15 ago. 2023.

⁶ Quarto nível de nove que integram a classificação. Para isso, leva-se em consideração, por exemplo, o número e frequência de publicações, participação de pesquisadores com grau de doutorado e a exogenia de pareceristas.

para as próximas fases da pesquisa, visto que esta nos parece uma pesquisadora que se debruça sobre as relações entre o tema e o campo científico.

Quem vice-coordena o grupo, Dom AC Condeixa de Araujo, leciona no mesmo curso que a atual coordenadora. De acordo com suas publicações mais atuais, no entanto, seus interesses acadêmicos se voltam para questões de raça, gênero, sexualidade, saúde e comunicação. Não há menções ao tema da Comunicação Não-Violenta em seu Lattes.

Investigação na Intercom Júnior

Já no “espaço acadêmico criado para acolher trabalhos de estudantes de graduação em Comunicação e também os recém-graduados” (Portal Intercom Júnior, s.d.), a pesquisa a respeito do termo *comunicação não-violenta* e suas variantes⁷ nos anais dos dez anos de evento encontra três resultados. Todos os artigos encontrados foram apresentados na Divisão Temática dedicada à pesquisa em Relações Públicas e Comunicação Organizacional. A ementa atual desta Divisão aponta como interesses acadêmicos os “processos de relacionamento entre públicos e organizações”, com foco em práticas e gestão da comunicação em organizações; cultura organizacional; além de teorias, práticas e ensino ligados às Relações Públicas e à Comunicação Organizacional.

Pelo aceite dos três trabalhos encontrados, compreendemos que os coordenadores e pareceristas da Divisão Temática entendem que a Comunicação Não-Violenta de alguma maneira se relaciona com os interesses acadêmicos da Comunicação abordados pela ementa. Partiremos, portanto, para a investigação das produções e a análise de trajetória das autoras, orientadoras e coordenadoras que possibilitaram a publicação desses documentos. Vale, anteriormente, conhecer os artigos para buscar essas aproximações.

O primeiro artigo encontrado, “Comunicação Não-Violenta e Função Política: Convergências e Possibilidades”⁸, de 2017, tem autoria de Aline Pacheco Martins e orientação de Marcelo de Barros Tavares, respectivamente graduanda e professor do curso de Relações Públicas no Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter. O texto faz uma análise de conteúdo da fala de um empresário sobre o uso ferramental da CNV em sua organização para promover mudanças da forma e dos meios que seus funcionários se relacionam entre si e com o trabalho. A autora busca convergências teóricas entre a

⁷ Além da pesquisa com e sem aspas, com e sem hífen, para garantir a dupla checagem, pesquisamos também os termos *CNV* e *violenta* e depuramos todos os resultados obtidos para garantir se havia ou não menção ao nosso objetivo, que é o termo *comunicação não-violenta*.

⁸ Chamaremos de artigo 1, para facilitar sua identificação ao longo do texto.

visão do empresário sobre o que aconteceu em sua organização, o entendimento que adquiriu sobre a teoria de Rosenberg e a teoria da função política nas Relações Públicas de Roberto Porto Simões (Martins; Tavares, 2017).

O segundo artigo, “Cartilha de boas práticas em comunicação pública: comunicando o legítimo interesse público de maneira não-violenta”⁹, 2020, foi escrito por Mayara Tiago Pires, graduanda em Relações Públicas na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, sob orientação de Raquel Cabral. O arquivo, porém, não está disponível no site do Congresso. Documento semelhante, com o mesmo nome, autora e orientação foi encontrado no site da Unesp como um trabalho de conclusão de graduação. Neste, a autora busca construir uma ferramenta de trabalho de comunicação pública para servidores, com o objetivo de instruir para uma linguagem polida, que, segundo ela, levaria a uma relação mais harmoniosa entre as pessoas, conseqüentemente, entre cidadãos e a administração pública (Pires; Cabral, 2020). O artigo tem uma abordagem voltada para a visão da construção de políticas públicas e faz um esforço de proposição, ou seja, trata-se de um trabalho prático e normativo, ao afirmar como algo deve funcionar. O terceiro e último artigo, “Comunicação não violenta: revisão bibliográfica de publicações sobre a CNV no Brasil”¹⁰, 2021, foi escrito por quatro alunas de graduação em Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Dara Luana Lima Albuquerque, Maria Clara de Sousa Caju, Maria Clara Teixeira Gomes, Yan Anderson Borges de Souza – orientadas pela professora do mesmo curso, Maria Lívia Pacheco de Oliveira. As autoras fazem uma revisão bibliográfica sobre CNV no Brasil, buscando um levantamento de literatura em bancos de dados, anais de eventos e publicações em revistas. Nele é possível encontrar uma sistematização das publicações indexadas por áreas de conhecimento e investigando suas contribuições para o entendimento da CNV. As autoras concluem entendendo que os estudos sobre o assunto estão apenas iniciais e que é importante para a área da comunicação aprofundá-los (Albuquerque *et al.*, 2022). Como o objetivo desta pesquisa é entender como o campo de produção e difusão de conhecimento de Comunicação pensa a Comunicação Não-Violenta e porque o faz desta forma, até aqui já temos algumas pistas a serem verificadas. A partir dos três artigos escritos por graduandos de três regiões diferentes do país (UFPB, nordeste; Unesp,

⁹ Identificado ao longo do texto como artigo 2.

¹⁰ A partir de agora reconhecido como artigo 3.

sudeste; UniRitter, sul), parece-nos possível afirmar que a Comunicação Não-Violenta tem sido vista como um assunto de interesse no campo científico das Relações Públicas, com foco no ambiente organizacional; tem sido compreendida como uma ferramenta linguística que orienta formas de expressão e recepção nas conversas; pelo caráter instrumental sinalizado pelas autoras em suas publicações, tem se percebido uma capacidade transformativa das relações sociais em seu uso. Desta maneira, os três artigos buscam na literatura disponível no campo da Comunicação – com foco nas Relações Públicas – as conexões e justificativas teóricas para suas observações.

De alguma maneira, parece-nos que essas pesquisas partem de uma percepção de valor prévia das autoras sobre a CNV e que elas buscam investigar meios de estabelecer as conexões deste valor com a Comunicação Social. Especificamente a revisão bibliográfica sobre o assunto dá um passo além, de indexar o que já se produziu e buscar verificar seu valor para o campo científico. São passos iniciais do estabelecimento de um assunto na investigação acadêmica, feitos por alunos de graduação, sem praticamente correspondência na produção científica das pós-graduações do Brasil – especificamente no Congresso Nacional da Intercom, sem produção disponível.

Breve análise dos currículos da Intercom Júnior

Considerando as informações coletadas, aqui aprofundaremos as investigações sobre a trajetória das autoras dos artigos, das pareceristas e coordenadoras dos Grupos de Pesquisa da Intercom e da Divisão Temática da Intercom Júnior que de alguma maneira têm interseção com o tema. Investigar não apenas quem são, mas suas trajetórias acadêmicas, sua formação e seu prestígio são uma forma de entender os fluxos de capital e habitus do campo científico da comunicação a partir de quem o constitui (Bourdieu; Passeron, 1992). Se sem essas pessoas o assunto não teria emergido neste espaço, entendemos que, através do cruzamento das informações biográficas, trajetória de formação e produção científica, é possível indicar as posições que essas pesquisadoras do tema ocupam no campo em questão.

Vamos iniciar nossa jornada investigativa pelos artigos encontrados publicados nos anais da Intercom Júnior, todos na Divisão Temática de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, visto que este é o único lugar em que encontramos resultados até o presente momento da pesquisa. A análise aqui se concentrará nas informações constantes nos currículos das pesquisadoras disponíveis na plataforma Lattes, do CNPq, por sua

importância na economia das relações acadêmicas. Isto porque seu preenchimento é obrigatório para processos seletivos, pleiteio de bolsas de pesquisa, participação em concursos da área acadêmica, entre outros. Portanto, a plataforma torna-se uma fonte comum e padronizada de informações sobre pesquisadores.

Apesar de manter suas informações atualizadas na plataforma, o professor Marcelo de Tavares¹¹, orientador do artigo 1, não cita o documento em seu currículo – provavelmente por não ter sido seu autor principal. Esta não citação, no entanto, leva a um total de zero resultados a busca pelos termos da pesquisa em seu Lattes. Ele tem doutorado e mestrado em Comunicação Social pela PUCRS, com orientação no doutorado da Professora Cleusa Maria Andrade Scroferneker, que aparecerá na orientação das atuais coordenadora e vice-coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Relações Públicas no Congresso Nacional de pós-graduação da Intercom, que serão citadas a seguir. Atualmente Tavares é Docente da Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter. É também Diretor Tesoureiro, tendo sido Presidente na gestão anterior, do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas.

A aluna não atualiza seu currículo Lattes desde 2017¹², quando ainda era graduanda em Relações Públicas na UniRitter. Não há, portanto, informações na plataforma sobre a conclusão de curso, mas é comum identificar o abandono das atualizações do Lattes entre as estudantes que, ainda que concluintes, não seguem o percurso acadêmico e se dedicam a outras carreiras fora deste universo. Como essa característica irá se repetir em todas as estudantes mapeadas nesta pesquisa, levanta-se uma questão que ainda não sabemos se é pertinente. Mas é possível que, considerando a relevância da Comunicação Não-Violenta no meio público, abordar o assunto na graduação em Relações Públicas funcione como uma qualificação desejável para integração no mundo do trabalho das Relações Públicas. Se é verdade que a pesquisa acadêmica em Comunicação é afastada da pesquisa e prática da Comunicação Não-Violenta, será que dedicar-se à CNV as inclui no “mundo do trabalho” e as “retira” as pessoas do “mundo da pesquisa”?

Já o artigo 2 traz mais elementos para a mesa. Raquel Cabral, orientadora da publicação, é pesquisadora e professora da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) desde 2012. Ela tem pós-doutorado

¹¹ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/8851817343447469>. Acesso em 15 ago. 2023.

¹² Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/5594733960775679>. Acesso em 15 ago. 2023.

no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), um programa nota cinco na avaliação da Capes¹³. Fez doutorado na Espanha e é mestre em Estudos Internacionais em Paz, Conflitos e Desenvolvimento Social pelo Instituto Interuniversitário de Desenvolvimento Social e Paz (Cátedra UNESCO de Filosofia para a Paz), também na Espanha. Seu interesse acadêmico está na relação entre violência e comunicação, comunicação para paz, violência organizacional, Relações Públicas e Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas¹⁴. Este é o currículo que mais cita o termo até o presente momento da pesquisa: são sete menções em apresentações de trabalho, relatórios, disciplinas ministradas e orientações. Como esta é a única dentre as professoras mapeadas até agora que fez uma parte de sua formação fora do país e é ela a que mais intensamente pesquisa o tema, levanta-se a questão de se a internacionalização da formação tem papel importante para os estudos da CNV. Seria o assunto mais prestigioso fora do país? A descobrir nas próximas etapas da investigação, a partir da sistematização das informações coletadas e o aumento do corpus com avanços de outras agendas de pesquisa.

A aluna autora do artigo, Mayara Tiago Pires¹⁵, também não atualiza seu currículo desde 2020, ano de conclusão de seu bacharelado em Relações Públicas pela Unesp com apresentação da versão completa e acessível do trabalho que foi levado para o Intercom Júnior deste ano. Pires se formou pensando a Comunicação Não-Violenta em relação com a Comunicação Pública e criou uma cartilha, que por ser um trabalho de conclusão de curso prático e normativo, é considerado mais um indício de reconversão de investimentos intelectuais para o mundo do trabalho. Para isso, além da orientação de Cabral, teve a participação de Roseane Andrelo na banca. Andrelo é a atual coordenadora da Divisão Temática de Relações Públicas na Intercom.

Ambas, Andrelo e Cabral são professoras da Unesp em Bauru – estando Andrelo desde 2011 – e o nome de Cabral aparece cerca de 70 vezes em seu Lattes, seja em coautoria, bancas examinadoras, compartilhamento de grupos de pesquisa, entre outras coincidências – evidenciando-se, assim, uma proximidade profissional relevante. Já o

¹³ Considera-se, por exemplo, a produção científica de docentes e discentes, a formação do corpo docente, a qualidade da formação dos alunos e o impacto social do programa.

¹⁴ Plano de ação desenvolvido pela ONU para inspirar atuação colaborativa entre países, empresas e pessoas com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas para mitigação dos efeitos socioambientais do aquecimento global e out

¹⁵ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/5760838268460645>. Acesso em 15 ago. 2023.

termo da pesquisa só aparece uma vez no currículo de Andrelo, exato na banca examinadora do trabalho final de Pires, parecido com o artigo 2 desta pesquisa.

O artigo 3 foi escrito a várias mãos por graduandas do curso de Relações Públicas da Federal da Paraíba, sendo duas delas conectadas ao Grupo de Pesquisa “Comunicação nas organizações: as relações de trabalho e as relações de afeto pelas (im)possibilidades da cultura”, vice-coordenado pela orientadora do trabalho. Não se pode afirmar com certeza, mas pelas pistas é possível aventar que este tenha sido um trabalho conjunto feito no âmbito do Grupo. A professora orientadora, Maria Lívia Pacheco de Oliveira¹⁶, declara em seu Lattes que é doutora (2020) e mestra (2014) em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lá é professora adjunta no departamento de comunicação, curso de Relações Públicas, onde recentemente atuou como vice-coordenadora. Além disso, atua como professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas. O termo *comunicação não-violenta* e suas variantes só aparece em seu currículo em menção ao artigo citado acima. Como apontado anteriormente, Maria Clara Teixeira Gomes¹⁷ e Yan Anderson Borges de Souza¹⁸ não fazem atualizações desde 2020 e 2019, respectivamente, e na plataforma não declaram a publicação do artigo ou vinculação com grupos de pesquisa. Já Dara Luana¹⁹ e Maria Clara Caju²⁰ fizeram as últimas atualizações em 2021 e se diziam parte do mesmo grupo de pesquisa de Maria Lívia Oliveira, coordenado por Caroline Delevati Colpo. Não há desdobramentos acadêmicos expressivos nos currículos desde a publicação do artigo, reforçando a hipótese de que transitaram para o “mundo do trabalho”.

Já Caroline Delevati Colpo²¹ é uma pesquisadora com doutorado finalizado há mais de 10 anos na PUCRS. Atuou em nove instituições e faculdades e atualmente coordena o curso de Relações Públicas da UFPB, tendo tido Oliveira como vice. A mesma configuração de colaboração se dá no grupo de pesquisa citado acima. Desde 2022 Colpo também é coordenadora do GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional da

¹⁶ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/6242230957935100>. Acesso em 15 ago. 2023.

¹⁷ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/8128115090934645>. Acesso em 15 ago. 2023.

¹⁸ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/8866573339072900>. Acesso em 15 ago. 2023.

¹⁹ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4008457218499391>. Acesso em 15 ago. 2023.

²⁰ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/0253294327043080>. Acesso em 15 ago. 2023.

²¹ Informações colhida no Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9282273363277593>. Acesso em 15 ago. 2023.

Intercom (pós-graduação). Não existe nenhuma menção ao termo da pesquisa em seu Lattes, bem como o tema nunca foi abordado no GP.

Colpo tem como vice-coordenador do GP da Intercom neste ano de 2023 o pesquisador Diego Wander Santos da Silva, que atua como professor na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ambos tiveram a orientação de Cleusa Maria Andrade Scroferneker²²: Silva na graduação e no mestrado em Relações Públicas da PUCRS; Colpo no doutorado (que tem período de concomitância com o mestrado de Silva).

Além disso, parece importante sinalizar que Silva tem uma relação bastante assídua com o Congresso da Intercom, tendo apresentado trabalhos, sido parecerista da Revista Intercom e oferecido oficinas num total de 13 participações. Por dois anos também foi coordenador da Divisão Temática de Relações Públicas e Comunicação Organizacional da Intercom Júnior em 2021 e 2022. Em seu currículo consta uma orientação de monografia²³ em 2020 que cita o termo da pesquisa.

A circulação e repetição dessas pessoas nos grupos parece-nos que aqui há a constituição de uma rede dentro do campo das Relações Públicas que pode contribuir para nos ajudar a compreender como a difusão desses estudos pode corresponder a uma característica específica desse grupo. Para compreensão desta rede, é preciso sistematizar as informações coletadas, buscando perceber características repetidas nos percursos de formação ou outros aspectos da trajetória acadêmica dessas pesquisadoras que nos ajude a identificar padrões e, assim, uma propriedade sociológica do grupo. Pretende-se, na próxima etapa da pesquisa, indicando frequência e cruzamento de informações biográficas e de produção intelectual, indicar características ou disposições favoráveis à emergência da CNV neste campo científico.

Desdobramentos e encaminhamentos

²² Cleusa é a pesquisadora mais antiga da pesquisa relacionada. Ela atua na Faculdade de Comunicação, graduação e pós, da PUCRS desde 1974 – apenas três anos após a reestruturação do curso de Relações Públicas. Ela formou muitos dos pesquisadores de Relações Públicas no Brasil, coordenou programas de bolsa de iniciação científica em instituições de fomento e coordenou os setores de compartilhamento de conhecimento em RP na Intercom Júnior e na Intercom Nacional. Hoje é bolsista de produtividade do CNPq. Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4838297393852726>. Acesso em 15 ago. 2023.

²³ “Thalita Vieira Menezes. A Comunicação Não-Violenta como possibilidade de humanização das (e nas) relações de trabalho: contribuições de profissionais de mercado. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Relações Públicas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Diego Wander Santos da Silva.” Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4030020473962819>. Acesso em 15 ago. 2023.

Até aqui este artigo investigou e não encontrou os termos da pesquisa, comunicação não-violenta e suas variantes em artigos do Congresso Nacional de pós-graduação da Intercom e não encontrou resultados. A única menção ao assunto encontrada foi na ementa de definição de interesses do Grupo de Pesquisa Comunicação, Alteridade e Diversidade. Ali encontrou-se indícios de que a atual coordenadora é uma pesquisadora do assunto, mas não sabemos se as coordenações anteriores já estavam interessadas no tema ou não. Em seguida, compartilhamos informações sobre os três artigos encontrados para os termos da pesquisa no âmbito nacional da pesquisa de graduandos, a Intercom Júnior. Apesar de não haver citação ao termo na ementa da Divisão Temática de Relações Públicas, como há no Grupo de Pesquisa acima citado, os três resultados foram apresentados nos encontros desta DT. Desta maneira, é possível afirmar que, até o momento, este é o lugar de produção de conhecimento sobre assunto para a CNV no campo científico da Comunicação.

Dos três documentos encontrados, alguns outros padrões percebidos indicam que a abordagem da Comunicação Não-Violenta no âmbito de formação da graduação coincide com um abandono da carreira acadêmica: a não atualização do Lattes pelas alunas autoras dos textos; o conteúdo dos artigos com abordagem mais prática instrumental, algumas vezes normativa do tema.

Esse indício nos ajuda a nomear o que talvez seja a principal hipótese desta pesquisa: a visão instrumental sobre a Comunicação Não-Violenta talvez seja o principal motivo pelo qual ela não parece ter sido vista até aqui como um tema de interesse para o campo científico da Comunicação. Esta visão pode ter sido influenciada, por exemplo, pela tradução do subtítulo do livro de Marshall Rosenberg, que transitou do original “A Language of Life” para “técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais” em português; ou pelo fato de que aqui não exista uma escola de formação em Comunicação Não-Violenta como há em outros países; entre outras. Mas, fato é, que sua abordagem instrumental não parece se aproximar dos conteúdos que os centros de pesquisa mais conceituados do país tendem a priorizar. Como nos diz Marialva Barbosa em seus estudos das tendências de pesquisa em Comunicação, os temas de interesse dos cursos mais bem conceituados pela Capes estão em questões subjetivas, processuais, identitárias, narrativas, legislativas, de consumo, entre outras. Quando se debruçam sobre algum aspecto mais práticos, tendem às técnicas e processos produtivos. Fica

portanto, na periferia dos assuntos, a questão instrumental da linguagem e da comunicação como processo em si e a CNV tende a ser abordada, como visto neste artigo, por estudantes de Universidades menos conceituadas e não alocadas nos grandes centros de produção de conhecimento.

Para compreender o que permite a um pesquisador abordar o assunto e manter-se atrelado à produção de conhecimento, incluímos em nossa pesquisa, uma breve análise dos currículos Lattes das autoras e orientadoras dos documentos. Desta maneira mapeou-se a possibilidade da formação de um grupo específico ligado à Divisão Temática e ao campo científico das Relações Públicas e Comunicação Organizacional. Desta rede de pesquisadoras pode haver uma correspondência entre as características desse grupo (ou a incorporação dessas características ao longo dos percursos de formação e percurso profissional) e a possibilidade de abordar o tema da CNV no campo científico da Comunicação no Brasil.

Entendemos que faz-se necessário debruçar-se para a sistematização das trajetórias das professoras orientadoras e coordenadoras das Divisões Temáticas e Grupos de Pesquisa da Intercom mais relevantes ao tema até aqui, Relações Públicas e Comunicação Organizacional e Comunicação, Alteridade e Diversidade para, a partir daí, perceber de forma objetiva os padrões e constituir as redes. Assim, finalizado o corpus empírico desta fase da pesquisa, poderemos seguir para o próximo passo, que será aprofundar a investigação das interações entre essas agentes e seus contextos sociológicos, traçando perfis. Interessa-nos compreender o que os levou a considerar a Comunicação Não-Violenta como assunto relevante ao campo científico da Comunicação ou não.

Além disso, pretende-se investigar a posição que os centros de pesquisa em que estão alocados professores ocupam no cenário nacional do campo científico da Comunicação e seu nível de prestígio. Dessa maneira, poderemos refletir se e como suas investigações são valorizadas pelo grupo. E, a partir desse contexto, onde a Comunicação Não-Violenta se localiza e quais os recursos que os pesquisadores que se dedicam a ela podem mobilizar em prol de seus fundamentos dentro ou fora do campo científico. É possível que este seja um assunto emergente? Se sim ou se não, o que os padrões têm a nos contar sobre isso?

Referências Bibliográficas

ABOUT Marshall Rosenberg, Ph.D. (1934-2015), **Our Founder**. In: The Center for Nonviolent Communication, 2020. Disponível em: www.cnvc.org/about/marshall. Acesso em 14 jul. 2023.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e Método**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico, In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2013. p. 112-143.

_____. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Editora 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

INTERCOM JÚNIOR. **Apresentação**. Intercom, Eventos. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/intercom-junior/apresentacao4>. Acesso em 14 jul. 2023.

GP COMUNICAÇÃO, ALTERIDADE E DIVERSIDADE. **Ementa**. Intercom, Eventos, Grupos de pesquisa. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gpcomunicacao-alteridade-e-diversidade>. Acesso em 14 jul. 2023.

DT RELAÇÕES PÚBLICAS E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL. **Ementa**. Intercom, Eventos, Intercom Júnior, Ementário IJ. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/intercom-junior/ij03-relacoes-publicas-e-comunicacao-organizacional>. Acesso em 14 jul. 2023.

MARTINS, A. P.; TAVARES, M. B. **Comunicação Não-Violenta e função política: convergências e possibilidades**. Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior, XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 4 a 9 set. 2017. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2653-1.pdf>. Acesso em 14 jul. 2023.

MIRANDA, L. **Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

OLIVEIRA, M. L. P. de.; ALBUQUERQUE, D. L. L.; CAJU, M. C. S.; GOMES, M. C. T.; SOUZA, Y. A. B. de. **Comunicação não violenta: revisão bibliográfica de publicações sobre a CNV no Brasil**. Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior, XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 4 a 9 out. 2021. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij03/dara-luana-lima-albuquerque.pdf>. Acesso em 14 jul. 2023.

PIRES, M. T.; CABRAL, R. **Cartilha de boas práticas em comunicação pública: comunicando o legítimo interesse público de maneira não violenta**. Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior, XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 1 a 10 out. 2020. Não disponível no site do evento. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/236431>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.